

## **Cenário para a agropecuária do Nordeste sob os efeitos da COVID-19**

*Wendell Márcio Araújo Carneiro<sup>1</sup>*

### **Resumo**

A economia mundial tem sofrido fortes impactos provocados pelas restrições impostas pelo controle da pandemia pelo novo coronavírus, afetando praticamente todos os setores econômicos. O setor agropecuário, mesmo considerado essencial, não apresentando descontinuidade em suas atividades, suportou as mudanças impostas pelos novos protocolos de interação social. Este informe busca apresentar como o setor agropecuário da Região Nordeste se comportou diante dos novos desafios impostos pelo isolamento social em virtude da pandemia e perspectivas para o período pós-pandemia. A metodologia se baseou no levantamento bibliográfico e análise tabular dos dados disponíveis em banco de dados oficiais, relativos a preços, produção de valor da produção. As fontes consultadas foram o IBGE, o CEPEA/ESALQ, a CONAB, a CNA e matérias de jornais e revistas que tratam do setor agropecuário. O período se dá a partir de 2019, início da pandemia, e 2020, momento de expansão das restrições sociais. Alguns produtos tiveram séries históricas analisadas desde 2017. Como conclusão, percebe-se que a pandemia do novo Coronavírus impactou no setor agropecuária de diferentes magnitudes, a depender do produto. Para as *commodities* e outros produtos voltados ao mercado externo e que apresentam cadeias mais estruturadas, os efeitos foram reduzidos ou até mínimos, diante do cenário de retração da economia. Em contrapartida, aqueles que possuem no mercado interno maior parcela de comercialização e com cadeias menos estruturadas foram os que apresentaram maiores perdas com o advento da pandemia.

**Palavras-chave:** Perspectiva, Setor agropecuário, Região Nordeste, Novo Coronavírus.

### **Introdução**

O Brasil foi um dos países mais impactados pela pandemia do novo Coronavírus, com aumento crescente de infectados e mortes. Para controlar esta situação, medidas foram tomadas pelos órgãos responsáveis para minimizar os efeitos da pandemia na população. Uma delas foi reduzir a circulação de pessoas, implantando medidas de isolamento social e suspensão das atividades de diversos setores econômicos.

Como efeito imediato, a economia se retraiu, com demissões e fechamento de estabelecimentos comerciais. A redução/impedimento da circulação de pessoas afetou o nível de atividade econômica, retraindo as atividades em praticamente todos os setores. A agropecuária, apesar de ter sofrido impactos menos severos em comparação a outras atividades, também apresentou comportamento diferenciado em função da pandemia.

---

<sup>1</sup> Economista, Mestre em Economia Rural, Doutor em Geografia. Célula de Estudos e Pesquisas Macroeconômicas. BNB/ETENE.

Neste trabalho, serão analisados os efeitos das ações de enfrentamento ao novo Coronavírus na atividade agropecuária nacional, e em especial na Região Nordeste. Verifica-se o comportamento das atividades agrícolas e pecuárias, considerando-se as restrições impostas à população e à economia em geral.

Foi realizado o levantamento de informações agropecuárias e análise tabular dos dados disponíveis em banco de dados oficiais, relativos a preços, produção de valor da produção. As fontes consultadas foram o IBGE, o CEPEA/ESALQ, a CONAB, a CNA e matérias de jornais e revistas que tratam do setor agropecuário. O período de análise se dá a partir de 2019, início da pandemia, e 2020, momento de expansão das restrições sociais. Alguns produtos tiveram séries históricas analisadas desde 2017.

Além desta introdução, o item 2 analisa o comportamento da agricultura no cenário com pandemia. No item 3, verifica-se o comportamento da pecuária neste mesmo cenário. O item 4 avalia os desafios e adaptações necessárias das atividades agropecuárias para se adequar às novas exigências sanitárias. Por fim, no item 5 são apresentadas as considerações finais do trabalho.

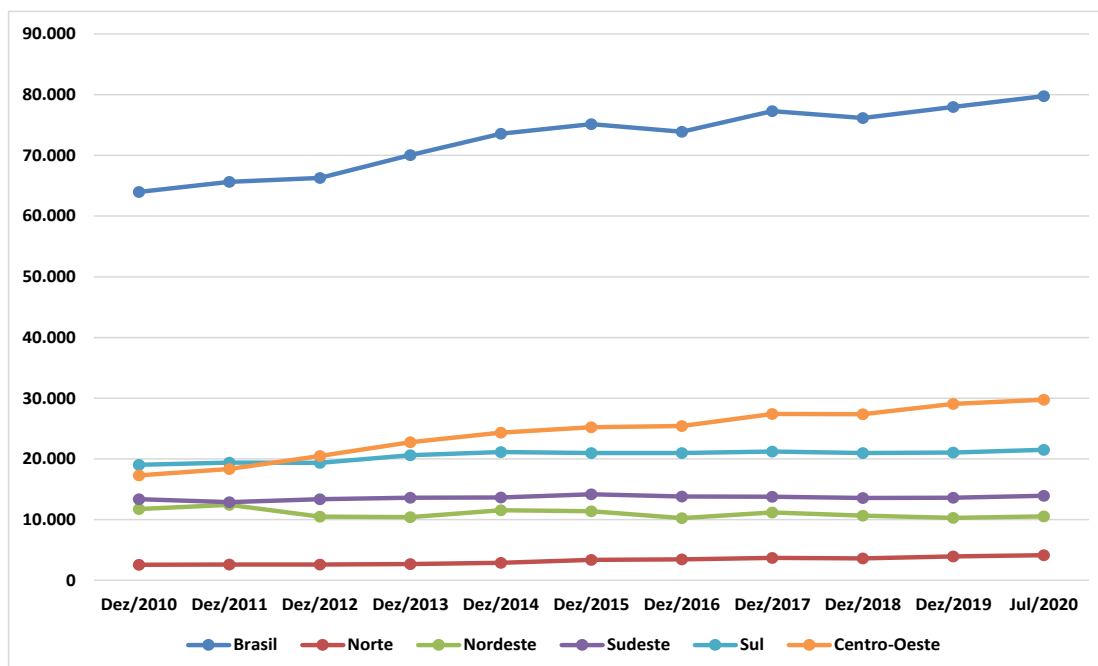
## **1. O comportamento da agricultura do Nordeste na atualidade e pós-pandemia**

### **Safra**

Pelos dados apresentados no último Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA), do IBGE para o mês de julho/2020, aparentemente a pandemia que assolou praticamente todas as economias mundiais não interferiu na intenção de plantio das lavouras brasileiras. Segundo este levantamento, a área colhida para a safra 2020 deverá crescer em 2,32% em relação à safra de 2019, alcançando 79,77 milhões de hectares (Gráfico 1).

Dentre as regiões brasileiras, o Norte deverá apresentar maior incremento, de +4,70%, seguido do Centro-Oeste (+2,36%) e Sudeste (+2,29%). A Região Nordeste deverá apresentar incremento de +2,05%. Apesar disto, ainda não conseguirá alcançar o mesmo patamar de área colhida em anos anteriores. Dados do IBGE indicam que o Nordeste perdeu, em média, 1,11% de sua área colhida ao ano desde 2010. É a única região que apresenta este comportamento declinante dentre as macrorregiões do País. A Região deverá apresentar área total colhida de 10,52 milhões de hectares, ou 13,18% do total nacional. As adversidades climáticas que atingiram o Nordeste nos últimos anos com secas severas contribuíram para as reduções de área, revertendo esta tendência na última safra, em virtude das melhores condições climáticas apresentadas em 2020.

Gráfico 1. Área Colhida da Lavoura Brasileira e Regiões, entre dezembro/2010 a julho/2020, em mil hectares



Fonte: IBGE/LSPA, 2020.

Considerando o total produzido de grãos, o Brasil deverá alcançar 250,52 milhões de toneladas, 3,75% superior ao observado para dezembro de 2019, com média de crescimento de 5,3% a.a. O Centro-Oeste deverá responder por 47,10% da produção brasileira de grãos, alcançando 118,00 milhões de toneladas. Em seguida, vêm a Região Sul, com 29,66% e 74,30 milhões de toneladas, e a Região Sudeste, com 10,22% e 25,61 milhões de toneladas.

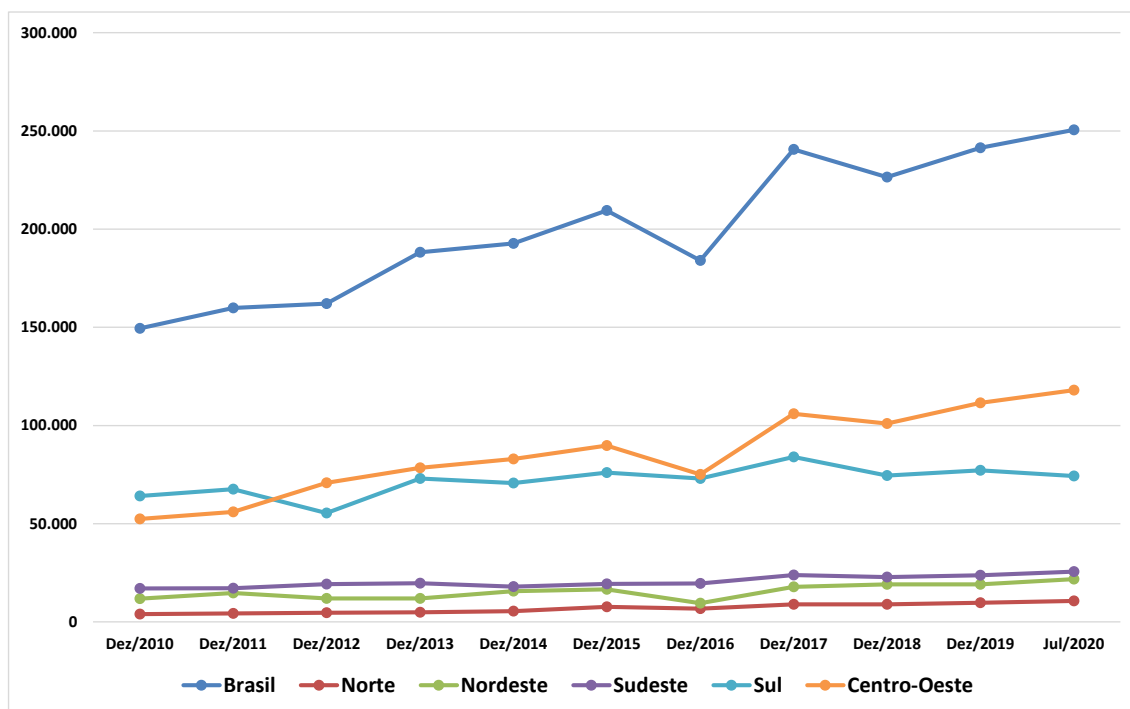
A Região Nordeste concentrará 8,72% da produção nacional de grãos, totalizando 21,85 milhões de toneladas, crescimento de 13,89% em relação a dezembro de 2019. A Região deve apresentar o melhor desempenho no aumento de produção entre as regiões, tendo em vista perdas significativas em safras anteriores. O Norte deverá apresentar o segundo melhor desempenho, com produção 9,64% superior à safra anterior, alcançando 10,75 milhões de toneladas.

Para a safra 2020, estimativas do IBGE apontam que a Região Sul é a única a apresentar redução de produção nesta safra, de -3,78%, em boa parte ocasionada pela seca que atingiu principalmente o Estado do Rio Grande do Sul, com perdas em sua produção.

Pelos dados apresentados até o momento referentes à safra 2020 pelo IBGE, aparentemente não há impacto significativo da pandemia do novo Coronavírus na produção agrícola nacional de grãos. Analisando os últimos levantamentos mensais, as variações observadas não apresentam uma tendência clara de declínio ou alta. Para o País, houve alta entre janeiro e fevereiro, baixa entre fevereiro e março, alta entre março e abril, baixa entre abril e maio, e altas nos levantamentos seguintes, movimentos influenciados principalmente pelos números da Região Sul. Em contrapartida, as demais regiões têm melhorado suas expectativas de safra ao longo dos meses, sempre com ascensão de suas produções. Supõe-se, portanto, que as consequências oriundas da pandemia ainda não surtiram efeito sobre a produção agrícola

nacional, com as oscilações apenas refletindo o comportamento climático em uma região específica.

Gráfico 2. Produção de Cereais, leguminosas e oleaginosas (\*) do Brasil e Regiões, entre dezembro/2010 a julho/2020, em mil de toneladas



Fonte: IBGE/LSPA, 2020. Nota: (\*) Não se considerou o total de geração dos outros produtos divulgados pelo LSPA por apresentarem distintas unidades de medida e descontinuidade da série.

Ao analisar as demais culturas brasileiras, percebe-se um comportamento de maior retração entre as principais culturas voltadas para o mercado interno, enquanto aquelas majoritariamente direcionadas ao mercado externo apresentam comportamentos mais favoráveis (Tabela 1). Aqui, já se percebe um possível efeito da pandemia na produção nacional de alguns alimentos. As produções de banana (-5,17%), batata-inglesa (-10,61%), fumo (-8,55%), mandioca (-0,33%), tomate (-5,03%) e uva (-0,27%) apresentaram retrações entre os levantamentos de 2019 e 2020 do IBGE. À exceção do fumo, os demais produtos são comuns nas feiras-livres e mercados brasileiros, os quais necessitaram suspender ou reduzir suas atividades neste segundo trimestre de 2020.

Em sentido contrário, as culturas do cacau (+10,18%), café (+18,24%), cana-de-açúcar (+2,40%), castanha-de-caju (+7,19%) e laranja (+4,11%) apresentaram crescimento na expectativa de produção entre 2019 e 2020. Estes produtos possuem parte significativa de suas produções direcionadas ao mercado externo, sofrendo influência dos preços internacionais e que, neste caso, os favoreceram.

Tabela 1. Produção Agrícola Brasileira – Principais Produtos, exceto Grãos – safras de 2010 a 2020, em Mil Toneladas

Produtos	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020 (*)
Banana	7.072	7.023	6.847	6.931	7.138	7.013	6.962	7.186	6.710	7.114	6.746
Batata-inglesa	3.577	3.943	3.382	3.570	3.742	3.659	3.935	4.280	3.847	3.854	3.445
Cacau	234	248	257	262	281	255	215	214	255	253	278
Café	2.862	2.671	3.063	2.919	2.709	2.646	3.055	2.777	3.593	2.996	3.542
Cana-de-açúcar	729.560	634.846	675.015	737.859	689.962	754.948	728.529	687.810	674.179	667.532	683.523
Castanha-de-caju	106	229	82	107	110	105	80	135	141	139	149
Fumo	776	953	801	851	857	873	675	871	794	759	695
Laranja	19.095	19.655	18.973	16.304	14.852	16.274	15.983	18.667	16.677	17.614	18.339
Mandioca	24.831	26.128	24.314	21.199	23.088	22.757	23.706	20.606	19.393	18.990	18.929
Tomate	3.709	4.146	3.666	3.973	4.295	3.687	3.738	4.373	4.085	4.076	3.871
Uva	1.295	1.463	1.456	1.413	1.436	1.507	987	1.680	1.592	1.446	1.442

Fonte: IBGE/LSPA, 2020. Nota: (\*) LSPA de julho/2020.

Considerando a Região Nordeste e sua produção agrícola total, percebem-se expectativas de alta entre as safras 2019 e 2020 para amendoim (+4,47%), arroz (+7,26%), feijão (+14,32%), milho (+24,03%), soja (+9,87%), sorgo (+6,28%), batata-inglesa (+0,11%), cacau (+12,38%), café (+12,09%), cana-de-açúcar (+6,37%), castanha-de-caju (+7,20%) e fumo (+17,82%). Além das condições climáticas favoráveis para a maioria destes produtos, a demanda externa também impactou positivamente para o aumento da produção, principalmente entre os grãos. No caso da batata-inglesa, mesmo com a menor circulação de pessoas, novas safras estão sendo colhidas atualmente em condições favoráveis, o que aumenta a oferta e reduz os preços do produto.

Dentre os comportamentos negativos, tem-se as produções de algodão (-3,64%), mamona (-26,48%), trigo (-50,00%), banana (-8,59%), laranja (-1,83%), mandioca (-0,81%), tomate (-5,34%) e uva (-16,84%). Dentre estes, há aqueles que já vêm apresentando comportamento declinante há alguns anos, a exemplo da mamona, banana, laranja, mandioca e tomate. Redução de mercado consumidor, preço e concorrência com outras regiões foram fatores que influenciaram nestes declínios. No caso do algodão, retrações do mercado por conta do isolamento social e estiagem no oeste baiano à época do plantio afetaram a produção e comercialização deste produto. O trigo é uma cultura de menor proporção, cujas intenções de plantio são influenciadas pelo comportamento de outras culturas mais importantes. Quanto à uva, a retração do mercado influenciou na redução de sua produção.

Alguns produtos não têm mais o acompanhamento realizado pelo LSPA do IBGE nestes últimos anos, a exemplo do abacaxi, alho, cebola, coco-da-baía, pimenta-do-reino e sisal ou agave.

Tabela 2. Produção Agrícola da Região Nordeste – Principais Produtos – safras de 2010 a 2020, em Mil Toneladas

Produtos	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020 (*)
Cereais, leguminosa	11.858	14.740	11.922	11.972	15.611	16.621	9.536	17.869	19.112	19.188	21.854
<i>Algodão herbáceo</i>	1.066	1.707	1.409	1.040	1.288	1.338	871	941	1.368	1.661	1.601
<i>Amendoim</i>	11	15	6	9	9	10	10	11	12	12	13
Arroz	881	1.169	707	704	845	494	277	453	394	314	337
Feijão	641	869	288	487	583	665	332	630	560	617	705
Mamona	83	109	24	11	35	76	21	11	18	28	20
Milho	4.181	5.106	3.905	4.808	6.711	6.008	3.126	6.432	5.637	6.519	8.086
Soja	5.309	6.230	6.096	5.268	6.571	8.380	5.100	9.491	11.471	10.496	11.532
Sorgo	101	200	38	52	71	171	136	263	157	159	169
Trigo	-	-	-	-	-	-	3	3	30	30	15
Abacaxi	623	619	613	582	698	636	566	688 ...	...	...	...
Alho	5	9	8	7	7	8	6	6 ...	...	...	...
Banana	2.680	2.703	2.428	2.362	2.456	2.214	2.290	2.381	2.162	2.488	2.275
Batata-inglesa	305	344	51	245	281	194	315	267	203	200	200
Cacau	149	155	160	158	179	136	116	84	123	105	118
Café	191	165	144	164	204	220	136	184	251	182	204
Cana-de-açúcar	71.867	72.833	72.080	69.200	71.587	67.327	55.212	48.367	49.154	49.672	52.835
Castanha-de-caju	106	229	82	107	110	103	78	133	139	139	149
Cebola	388	280	313	207	384	298	289	361 ...	...	...	...
Coco-da-baía	1.458	1.379	1.543	1.377	1.353	1.314	1.331	1.334 ...	...	...	...
Fumo	29	21	16	15	15	17	7	16	14	24	28
Guaraná	3	3	3	3	3	3	3	2 ...	...	...	...
Laranja	1.877	1.925	1.956	1.684	1.719	1.557	1.602	1.609	1.369	1.176	1.154
Mandioca	7.983	8.322	6.644	4.810	5.511	5.312	4.763	5.172	5.073	3.799	3.769
Pimenta-do-reino	5	4	4	4	5	7	5	5 ...	...	...	...
Sisal ou agave	237	287	174	150	138	180	133	101 ...	...	...	...
Tomate	617	599	424	444	684	466	379	527	473	519	491
Uva	247	274	287	282	315	318	309	445	502	498	414

Fonte: IBGE/LSPA, 2020. Nota: (\*) LSPA de julho/2020; (-) Não existe produção; (...) Valor não disponível.

O Valor Bruto da Produção (VBP) agrícola brasileira deverá alcançar R\$ 478,22 bilhões em 2020, alta de 16,2% em relação ao observado em 2019, conforme dados da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) apresentados na Tabela 3. Dentre as principais lavouras nacionais, soja (R\$ 31,24 bilhões), milho (R\$ 18,50 bilhões), café (R\$ 8,63 bilhões), arroz (R\$ 2,61 bilhões), feijão (R\$ 2,52 bilhões), trigo (R\$ 2,26 bilhões) e cana-de-açúcar (R\$ 1,65 bilhão) deverão apresentar os maiores volumes incrementais, acima de R\$ 1,00 bilhão. Em termos percentuais, o café arábica deverá apresentar a maior variação positiva, de 53,2%, seguido do trigo (+46,3%) e do amendoim (+31,8%).

Em contraposição, as lavouras de tomate (-21,2%; - R\$ 2,11 bilhões), batata-inglesa (-11,2%; - R\$ 646,3 milhões), uva (-9,4%; - R\$ 639,3 milhões), fumo (-7,3%; - R\$ 429,5 milhões), banana (-2,7%; - R\$ 292,30 milhões), sisal (-1,7%; - R\$ 6,5 milhões) e mandioca (-0,1%; - R\$ 8,40 milhões) deverão apresentar quedas em seus faturamentos. Estes resultados negativos são ocasionados pelas quedas de preço e produção no caso do tomate e da uva; redução de preços, no caso do sisal; e menor produção nos casos da banana, batata-inglesa, fumo e mandioca.

**Tabela 3. Valor Bruto da Produção (VBP) Agrícola Brasileira – Anos 2019 e 2020**

Produtos	Produção			Preços Médios Reais (a)			VBP (milhões de reais)		
	Unidade	2019	2020	Unidade	2019	2020	2019	2020	Δ%
<b>Agricultura</b>							<b>411.538,2</b>	<b>478.219,6</b>	<b>16,2%</b>
Caroço de algodão (1)	mil t	4.166	4.334	kg	0,57	0,62	2.374,7	2.673,2	12,6%
Algodão em pluma (1)	mil t	2.779	2.891	kg	6,45	6,29	17.923,5	18.190,9	1,5%
Amendoim (1)	mil t	435	557	kg	2,36	2,43	1.026,4	1.353,2	31,8%
Arroz (1)	mil t	10.484	11.168	kg	0,94	1,12	9.879,4	12.492,3	26,4%
Banana (2)	mil t	7.114	6.789	kg	1,51	1,54	10.725,5	10.433,2	-2,7%
Batata inglesa (2)	mil t	3.854	3.424	kg	1,50	1,50	5.794,2	5.147,9	-11,2%
Cacau (em amêndoas)	mil t	253	282	15 kg	168,32	186,02	2.833,8	3.500,1	23,5%
Café arábica	mil sacas de	34.296	44.590	60 kg	460,74	542,77	15.801,8	24.201,9	53,2%
Café robusta	mil sacas de	15.013	14.994	60 kg	318,92	334,68	4.787,9	5.018,2	4,8%
Cana-de-açúcar (2)	mil t	667.532	685.400	t	72,89	73,40	48.654,6	50.307,2	3,4%
Cebola (2)	mil t	1.719	1.719	kg	1,65	2,00	2.828,8	3.439,0	21,6%
Feijão (1)	mil t	3.018	3.156	kg	3,57	4,22	10.787,3	13.305,2	23,3%
Fumo (2)	mil t	759	704	kg	7,70	7,70	5.844,4	5.414,9	-7,3%
Laranja (2)	milhões de	432	450	cx	22,46	22,50	9.696,9	10.115,8	4,3%
Maçã (2)	mil t	1.192	1.192	kg	3,33	4,00	3.963,8	4.770,1	20,3%
Mamona (1)	mil t	31	33	kg	2,47	2,64	75,6	87,2	15,3%
Mandioca (2)	mil t	18.990	18.962	t	363,58	363,68	6.904,5	6.896,1	-0,1%
Milho (1)	mil t	100.043	100.560	kg	0,70	0,88	70.079,4	88.578,0	26,4%
Sisal (2)	mil t	101	101	kg	3,82	3,76	385,1	378,6	-1,7%
Soja (1)	mil t	115.030	120.883	kg	1,39	1,58	159.540,4	190.776,7	19,6%
Tomate (2)	mil t	40.759	38.401	kg	2,44	2,05	9.965,4	7.856,2	-21,2%
Trigo (1)	mil t	5.155	6.316	kg	0,95	1,13	4.877,7	7.135,7	46,3%
Uva (2)	mil t	1.446	1.435	kg	4,69	4,28	6.787,1	6.147,8	-9,4%

Fonte: CNA, 2020. Notas: Fontes Produção/Observações: (1) Conab; (2) IBGE.

## **Preços**

Considerando o comportamento dos preços nos primeiros meses de 2020, pode-se inferir que alguns produtos sofreram de forma mais direta os efeitos do isolamento social imposto pela pandemia do novo Coronavírus. No caso dos principais grãos e algodão produzidos no País, à exceção do algodão, que vinha apresentando comportamento declinante desde meados de 2018, os demais itens do Gráfico 3 têm demonstrado comportamento ascendente de preços desde 2017, com algumas altas e baixas, comuns dos produtos agrícolas.

Em relação ao ano de 2020 e já com alguns efeitos do isolamento social imposto pelo novo Coronavírus, identifica-se apenas queda no preço do milho (de -0,83% entre dez/2019 e jun/2020), muito provavelmente causado pelo menor consumo, em virtude da forte queda na comercialização em virtude da pandemia. Mesmo com queda de safra em relação a 2019, os preços atuais ficaram mais baixos, indicando comportamento atípico para o resultado de safra. No mercado externo, a queda na intenção de compras, com ritmo menor de negócios influenciou neste comportamento. Nos dois meses seguintes, o milho recuperou seu preço, com alta de 12,06% em ago/2020, já como resultado da retomada das atividades em alguns setores da economia.

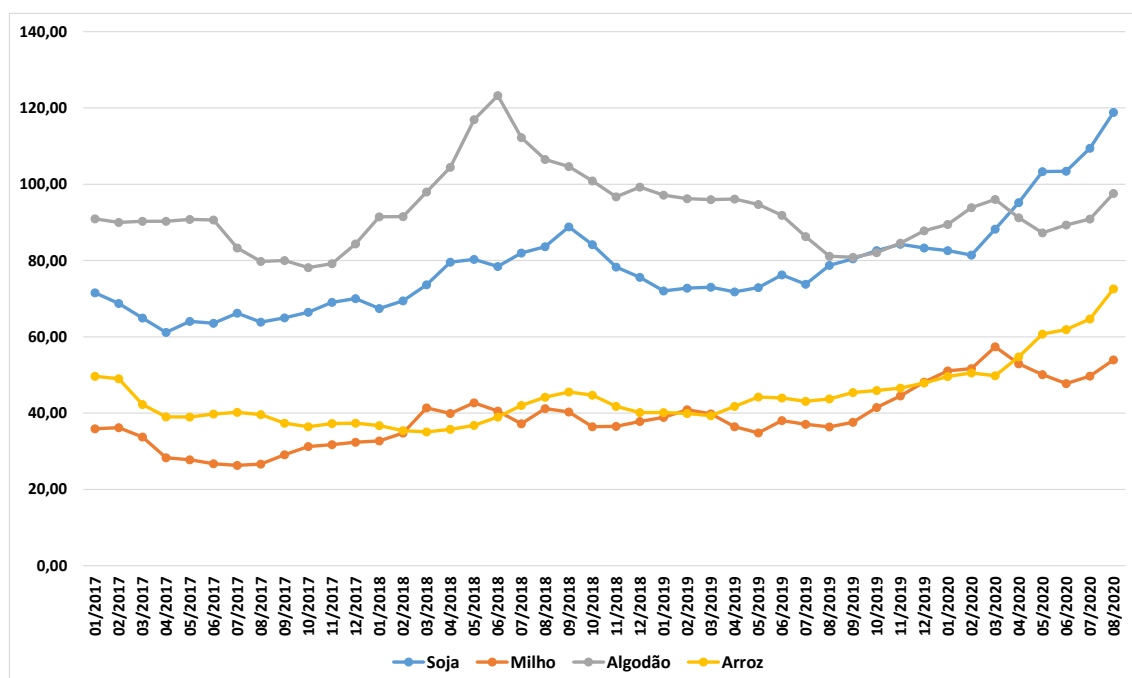
Tanto a soja (+42,66% entre dez/2019 e ago/2020) quanto o arroz (+51,57% entre dez/2019 e ago/2020) apresentaram comportamento ascendente em seus preços em 2020. No caso da

soja, as maiores demandas interna e externa e menor oferta nacional favorecem seus preços. Já para o arroz, o comportamento de recuo dos produtores na expectativa de melhores preços externos por conta do dólar elevado concorreu com os preços internos para torná-los mais elevados neste início de ano. Os preços se apresentaram em franca ascensão ao longo deste primeiro semestre de 2020, como curtos episódios de recuo.

Por fim, o algodão vem apresentando preço declinante desde 2018 (-8,36% entre ago/2018 e ago/2020), com uma leve recuperação no final de 2019 e início de 2020 (+18,77% entre set/2019 e mar/2020), interrompida pela pandemia a partir de mar/2020 (-9,12% entre mar/2020 e mai/2020), se recuperando nos meses seguintes. As baixas negociações no mercado externo, com redução de demanda pela China, principal consumidora mundial, ocasionaram este comportamento de baixa. No entanto, apesar do início da colheita da nova safra brasileira, a oferta do produto, principalmente de melhor qualidade, se manteve baixa, o que pressionou para alta nos preços em julho e agosto de 2020, somada com melhores expectativas com a retomada das atividades econômicas.

Pelo que se percebe, os produtos alimentares têm mantido certo comportamento natural de safra, entressafra e movimento do mercado externo, a depender dos estoques disponíveis e previsão de nova safra, sendo impactado em menor grau pelo advento da pandemia. No caso do algodão, por não ser item alimentar, seu consumo dependerá do aquecimento do comércio de fibras e vestuário, o que deverá ser postergado em virtude da atual crise, mas que já vem apresentando leve recuperação.

Gráfico 3. Evolução dos Preços dos Principais Grãos Produzidos no Brasil, de 2017 a 2020, em Reais



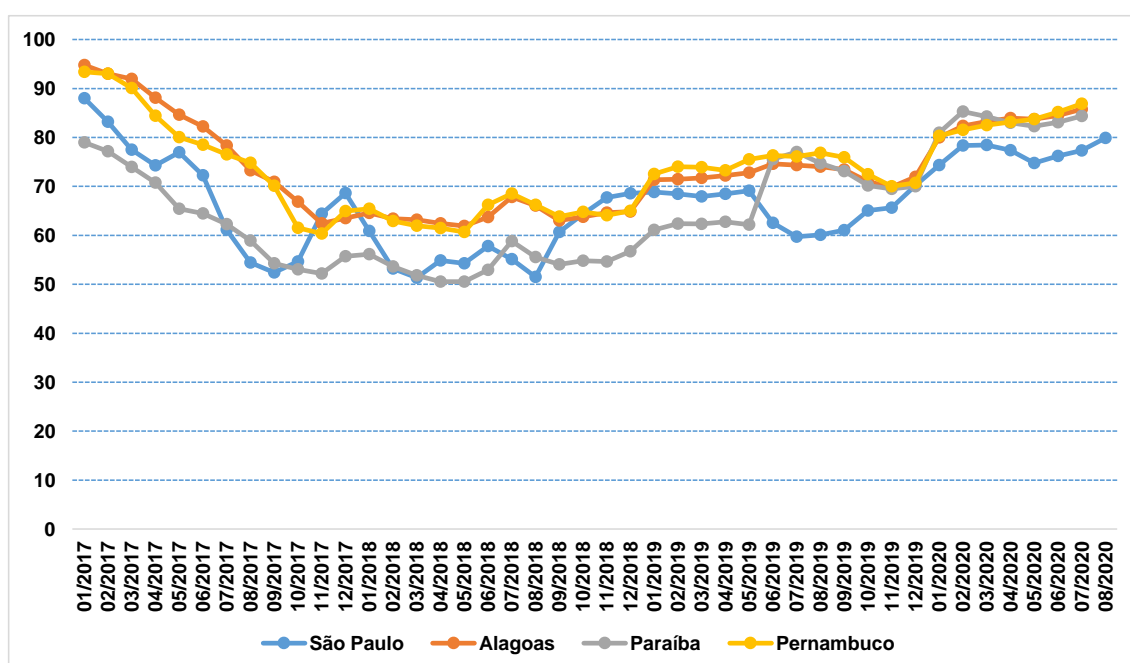
Fonte: CEPEA/ESALQ, 2020.

Nota: R\$/Saca de 60kg para soja indicador CEPEA/ESALQ Paraná e milho indicador ESALQ/BM&FBOVESPA; R\$/saca de 50kg para arroz em casca indicador ESALQ/SENAR-RS; R\$/Arroba para o algodão em pluma indicador CEPEA/ESALQ – Prazo de 8 dias.



A alta do dólar em relação ao real tem favorecido as exportações de açúcar, mantendo os preços em patamares elevados. Além disso, a suspensão de restrição da China pelo açúcar brasileiro, não renovando suas medidas de salvaguarda, aqueceu o comércio entre este país e o Brasil. No mercado interno, os efeitos da pandemia tiveram impacto na produção e demanda por etanol, o que faz as usinas direcionarem a safra de cana-de-açúcar para produção de açúcar, principalmente para o mercado externo. O preço da saca de açúcar de 50 kg na praça de São Paulo acumulou alta de 13,84% entre dez/2019 e ago/2020. Em Alagoas, Paraíba e Pernambuco, os preços evoluíram 19,26%, 20,46% e 22,89% entre dez/2019 e jul/2020, respectivamente (Gráfico 4).

Gráfico 4. Evolução dos Preços do Açúcar, em São Paulo, Alagoas, Paraíba e Pernambuco, de 2017 a 2020



Fonte: CEPEA/ESALQ, 2020.

Nota: R\$/Saca de 50kg para Indicador Açúcar Cristal CEPEA/ESALQ São Paulo; R\$/Saca de 50kg para Indicador Açúcar Mercado Interno para Alagoas, Pernambuco e Paraíba.

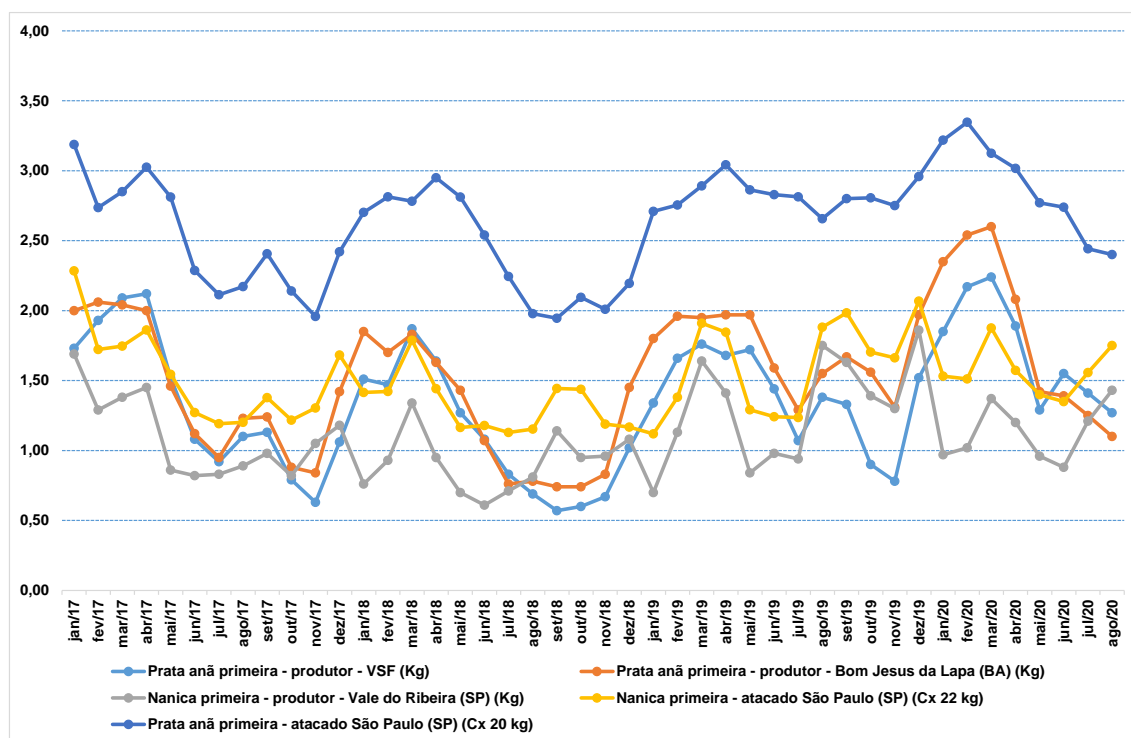
No caso da banana, produto voltado majoritariamente para o mercado interno, nota-se comportamento declinante de preços com o advento da pandemia, conforme visualizado no Gráfico 5. Considerando o histórico de preços desde 2017, as praças analisadas no Gráfico apresentavam leve tendência de aumento de preços da banana até final de 2019, tanto ao produtor quanto no atacado, o que se inverteu em 2020.

Entre dez/2019 e ago/2020, as variações de preços da banana foram: -44,16% para prata anã primeira - produtor - Bom Jesus da Lapa (BA); -23,18% para nanica primeira - produtor - Vale do Ribeira (SP); -15,39% para nanica primeira - atacado São Paulo (SP); -18,88% para prata anã primeira - atacado São Paulo (SP); e de -16,45% para a prata anã primeira – produtor, do Vale do São Francisco (BA/PE).

A partir de mar/2020, com as medidas de isolamento social, as reduções se intensificaram, tendo todas as variedades analisadas apresentado maiores declínios de preço, com exceções

das bananas nanicas ao produtor no Vale do Ribeira (SP) e no atacado em São Paulo, que vem apresentando melhoras a partir de jun/2020, podendo ser explicadas pelo retorno de algumas atividades econômicas.

Gráfico 5. Evolução dos Preços da Banana, em São Paulo (SP), Vale do Ribeira (SP), Vale do São Francisco (BA/PE) e Bom Jesus da Lapa (BA), de 2017 a 2020



Fonte: CEPEA/ESALQ, 2020.

Nota: Banana Prata Anã Primeira – atacado São Paulo (SP), dividiu-se o valor por 20 para ter o preço por kg; Banana Nanica Primeira – atacado São Paulo (SP), dividiu-se o valor por 22 para ter o preço por kg.

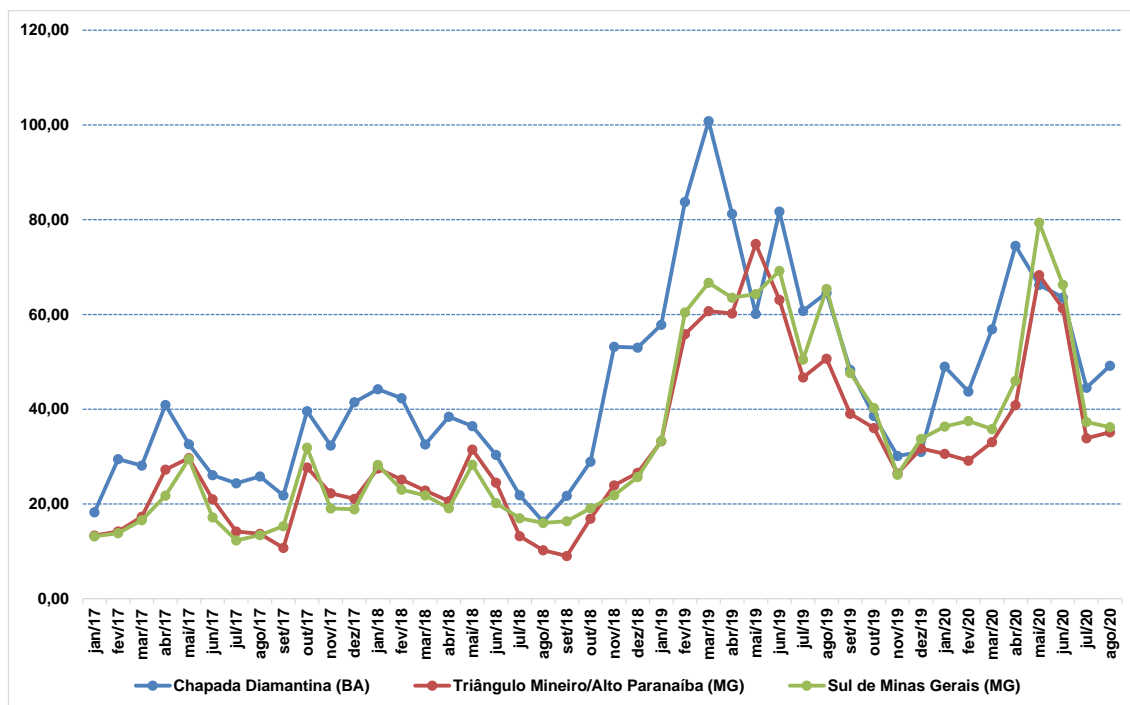
Outro produto voltado majoritariamente para o mercado interno, a batata também apresentou comportamento declinante em seus preços a partir do segundo trimestre de 2020. O produto vinha apresentando recuperação de preços no início de 2020, dada a forte queda apresentada no período de mar-jun/2019 e nov-dez/2019, com variações negativas acima de 60,0% nos preços das principais praças analisadas no Gráfico 6.

A partir de jan/2020, os preços da batata nestas praças apresentaram crescimento de 147,19% para os produtores da Chapada Diamantina (BA) até abr/2020; de 158,35% para os produtores do Triângulo Mineiro (MG) e de 203,17% para os produtores do sul de Minas Gerais até mai/2020, respectivamente.

O comportamento dos preços se inverteu a partir de então, apresentando fortes baixas até jul/2020, com reduções de 40,21% na Chapada Diamantina (BA), 50,45% no Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba (MG) e 53,03% no sul de Minas Gerais, indicando que as medidas de redução circulação de pessoas e fechamento de estabelecimentos comerciais afetaram fortemente nos preços e comercialização deste produto. O mês de agosto/2020 já desponta com recuperação nos preços destes produtos nas praças selecionadas. Em um mês, as variações foram positivas em 10,42% na Chapada Diamantina (BA) e em 3,84% no Triângulo

Mineiro/Alto Paranaíba (MG). Apenas no sul de Minas Gerais houve queda, de -2,84%, mas em menor intensidade do que vinha ocorrendo no auge da pandemia.

Gráfico 6. Evolução dos Preços do Saco de 50kg da Batata, Padrão Ágata Primeira – Beneficiador, em Chapada Diamantina (BA), Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba e Sul de Minas Gerais, de 2017 a 2020



Fonte: CEPEA/ESALQ, 2020.

As olerícolas e frutícolas são alimentos comercializados nas feiras e mercados nacionais. Algumas frutas apresentam, ainda, o mercado externo como consumidor, a exemplo da uva, manga e melão. No Gráfico 7, são apresentados os comportamentos dos preços do tomate, melão e mamão. Pelos dados observados, havia uma tendência de alta de preços que vinha ocorrendo de 2017 até meados de 2019. A partir de então, percebe-se um movimento flutuante nos preços de altas e baixas, mas notadamente no primeiro trimestre de 2020.

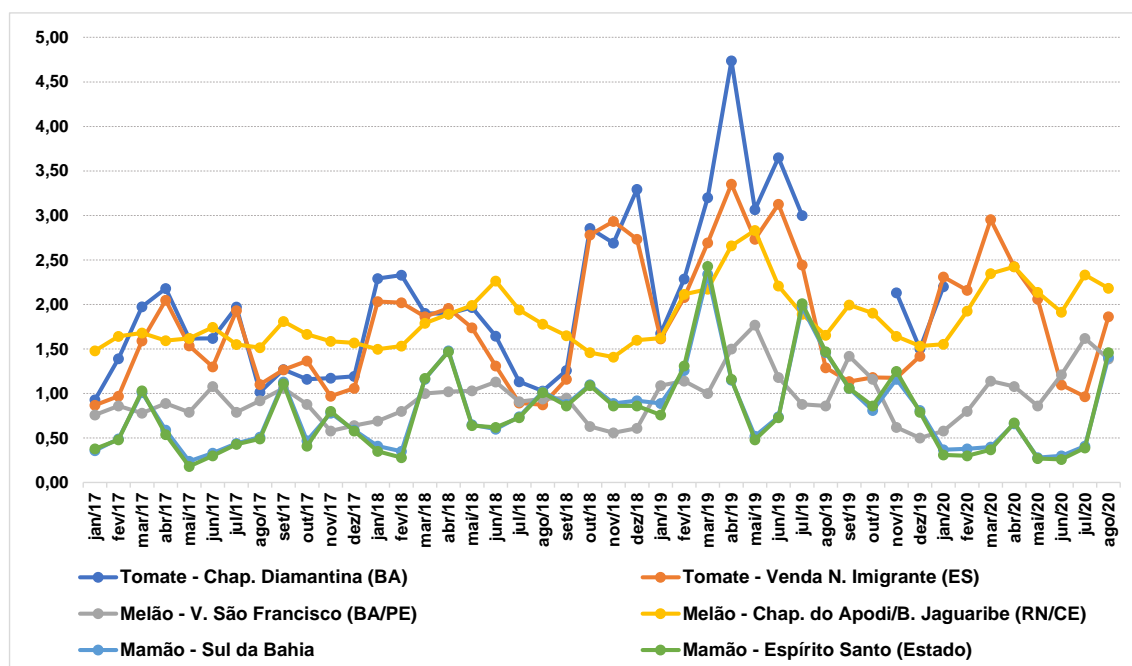
No caso do tomate, este vinha apresentando elevação nos preços, alcançando o ápice em abr/2019, com preços de R\$ 118,50 e R\$83,82, a caixa aberta (geralmente de 20 ou 25 kg, a depender do local), na Chapada Diamantina (BA) e Venda Nova do Imigrante (ES), respectivamente. Posteriormente, os preços apresentaram declínio até meados de set/2019, com baixa de 66,15% em Venda Nova do Imigrante (ES), por exemplo, recuperando-se até mar/2020 (+160,35%), declinando novamente a partir de então, com queda de 36,95% em ago/2020, mas já apresentando recuperação em relação ao mês anterior.

Quanto ao melão, os preços médios de 2019 foram os que apresentaram maiores valores tanto para os produzidos no Vale do São Francisco (BA/PE) quanto na Chapada do Apodi/Baixo Jaguaribe (RN/CE), alcançando valores de R\$ 1,77/kg e R\$ 2,83/kg, respectivamente. Em 2020, os comportamentos nestas praças se aproximaram, mesmo apresentando algumas distinções. Enquanto o melão do Vale do São Francisco (BA) apresentou crescimento nos preços ao longo dos meses de 2020, com queda apenas em abr/2020 e mai/2020, recuperando-se nos meses seguintes, acumulando 178,00% de alta entre dez/2019 e ago/2020, o melão produzido na

Chapada do Apodi/Baixo Jaguaribe (RN/CE) apresentou elevação constante nos preços mensais de 2020 até o mês de abril, declinando em seguida, alcançando -20,98% de redução entre abr/2020 e jun/2020. Os dois meses seguintes apresentaram recuperação, o que garantiu alta de 42,33% no primeiro semestre de 2020.

Tanto o mamão produzido no sul da Bahia quanto o do Espírito Santo apresentaram preços e comportamento bastante próximos. Os melhores preços foram observados em mar/2019, os quais alcançaram valores superiores a R\$ 2,30/kg, declinando a partir de então, com movimentos oscilantes de alta e baixa. Cabe destacar que os preços ensaiaram uma recuperação entre janeiro e abril de 2020 (+78,33% no sul da Bahia e +116,13% no Espírito Santo), interrompida pelo advento da pandemia, com reduções até maio, possivelmente reflexo das ações de isolamento social, e novamente recuperação até agosto/2020, com a retomada das atividades econômicas.

Gráfico 7. Evolução dos Preços do Tomate Salada, Melão Amarelo e Mamão Formosa, em Praças Seleccionadas, de 2017 a 2020



Fonte: CEPEA/ESALQ, 2020. Nota: Os preços do tomate se referem a caixa aberta de 25kg, por kg.

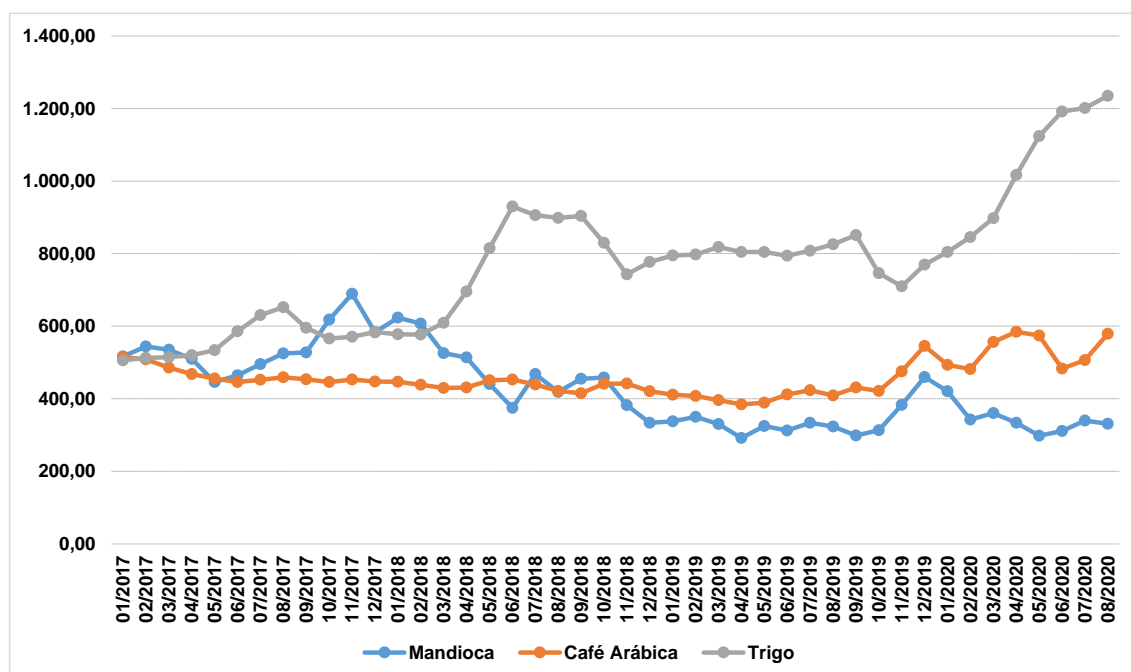
A mandioca é um produto cujo direcionamento se dá majoritariamente para o mercado interno. Neste sentido, o produto sofre as condições do comportamento do mercado doméstico. Percebe-se, assim, um movimento mais intenso de baixa nos preços ao longo de 2020, cujo acumulado chega a -28,06%, alcançando R\$ 330,61/tonelada. O produto, que já vinha com perdas acumuladas, sofreu queda menos acentuada com o advento da pandemia, de -8,17%, haja vista recuperação no último mês de junho, já reflexo de retomada de alguns setores da economia nacional.

No caso do café, cujo mercado externo tem influência nos preços nacionais, o movimento de preços foi de ganhos acumulados nos últimos 12 meses de 41,62%, com valor de R\$ 578,85/saca de 60kg, em ago/2020. Porém em 2020, os preços do café apresentaram

oscilações significativas, com perda de -11,60% até fev/2020, recuperando 21,30% nos dois meses seguintes, e nova queda de -17,33% até jun/2020, apresentando recuperação nos últimos meses, de 19,78% até ago/2020. Preocupações com oferta pelos países da América Central, a manutenção da demanda, principalmente para cafés de melhor qualidade, e o clima mais seco com impacto na qualidade no período de colheita têm influenciado para essa recuperação de preços.

O preço do trigo, que vinha apresentando estabilidade ao longo de 2019, apresentou forte valorização em 2020, acumulando alta de 60,49% até agosto deste ano, com valor de R\$ 1.235,01/tonelada. Mesmo com o surgimento da pandemia, os preços continuaram em ascensão, com alta de 37,55% de mar-ago/2020, indicando que o produto não sofreu influência negativa da pandemia.

Gráfico 8. Evolução dos Preços da Mandioca, Café Arábica e Trigo, Indicador CEPEA/ESALQ, de 2017 a 2020



Fonte: CEPEA/ESALQ, 2020.

### **Perspectiva**

A perspectiva para o setor agrícola brasileiro, principalmente para os produtos voltados para exportação, é de melhora nos seus indicadores à proporção que a pandemia pelo novo Coronavírus começa a ser controlada em outras nações e os procedimentos de combate e controle do vírus se tornam mais claros, com menos casos de mortes e pacientes graves. À medida que o cenário se torna mais favorável, as economias mundiais têm avançado na abertura de seus mercados internos, possibilitando leve aquecimento da economia mundial.

Quanto aos produtos agrícolas voltados ao mercado interno, os preços têm se mostrado mais retraídos, resultado do menor movimento interno por conta do isolamento social. A posição atual da pandemia no Brasil também tem favorecido para o comportamento de incerteza,

dado que os estados brasileiros se encontram em diferentes momentos da pandemia, dificultando uma reabertura econômica mais assertiva. Cada estado tem feito sua reabertura econômica de acordo com o quadro evolutivo de sua curva epidemiológica. Neste sentido, os estados das regiões Norte e Nordeste encontram-se mais avançados. No entanto, dado o grau de incerteza e a falta de vacinas e medicamentos necessários ao total controle da pandemia, este retorno tem se mostrado mais lento, afetando ainda a economia de forma vigorosa.

Assim, mesmo com cenário mais favorável à economia nacional, as incertezas referentes ao controle da pandemia têm levado os tomadores de decisão, tanto na esfera pública quanto privada, a serem mais cautelosos. Deste modo, a economia deverá apresentar crescimento mais acelerado apenas em 2021, principalmente para aqueles produtos voltados ao mercado interno. Para os produtos de exportação, a recuperação de preços e de mercado já vêm apresentando movimento ascendente, principalmente pela retomada de algumas economias mundiais centrais.

## 2. O comportamento da pecuária do Nordeste na atualidade e pós-pandemia

O valor bruto da produção pecuária brasileira deverá aumentar em 4,0% em 2020, alcançando o valor de R\$ 267,95 bilhões, segundo dados da Tabela 4. O principal produto responsável por esta elevação é a carne bovina, cujo aumento será de 11,5%, o que representa R\$ 133,89 bilhões em 2020. A produção de ovos também deverá apresentar o maior incremento em seu VBP, de 23,8%, com valor de R\$ 15,40 bilhões. Já a carne suína deverá ter incremento de VBP em torno de 8,2%, alcançando R\$ 21,40 bilhões em 2020.

Em sentido oposto, as produções de frango e leite deverão apresentar declínios em seus VBP em 2020, de -5,8% e -9,1%, respectivamente, alcançando valores de R\$ 45,17 bilhões e R\$ 52,08 bilhões.

Tabela 4. Valor Bruto da Produção (VBP) Pecuária Brasileira – Anos 2019 e 2020

Produtos	Produção			Preços Médios Reais (a)			VBP (milhões de reais)		
	Unidade	2019	2020	Unidade	2019	2020	2019	2020	Δ%
<b>Pecuária</b>							<b>257.534,7</b>	<b>267.951,7</b>	<b>4,0%</b>
Carne bovina, eq.c (3)	mil t	10.200	9.777	15 kg	176,60	205,42	120.089,6	133.889,6	11,5%
Frango (5)(6)	mil t	13.552	13.829	kg	3,54	3,27	47.935,7	45.174,1	-5,8%
Leite (4)	milhões de litros	35.024	35.549	litro	1,64	1,47	57.293,5	52.084,5	-9,1%
Ovos (5)	mil cx de 30 dúzias	136.111	140.194	dúzia	3,05	3,66	12.442,0	15.403,6	23,8%
Suínos (5)	mil t	4.124	4.310	15 kg	71,92	74,48	19.773,9	21.399,9	8,2%

Fonte: CNA, 2020. Notas: Fontes Produção/Observações: (3) USDA; (4) CNA; (5) ABPA. Fontes Preços: (6) Jox Assessoria; Preços reais pelo IGP-DI/FGV.

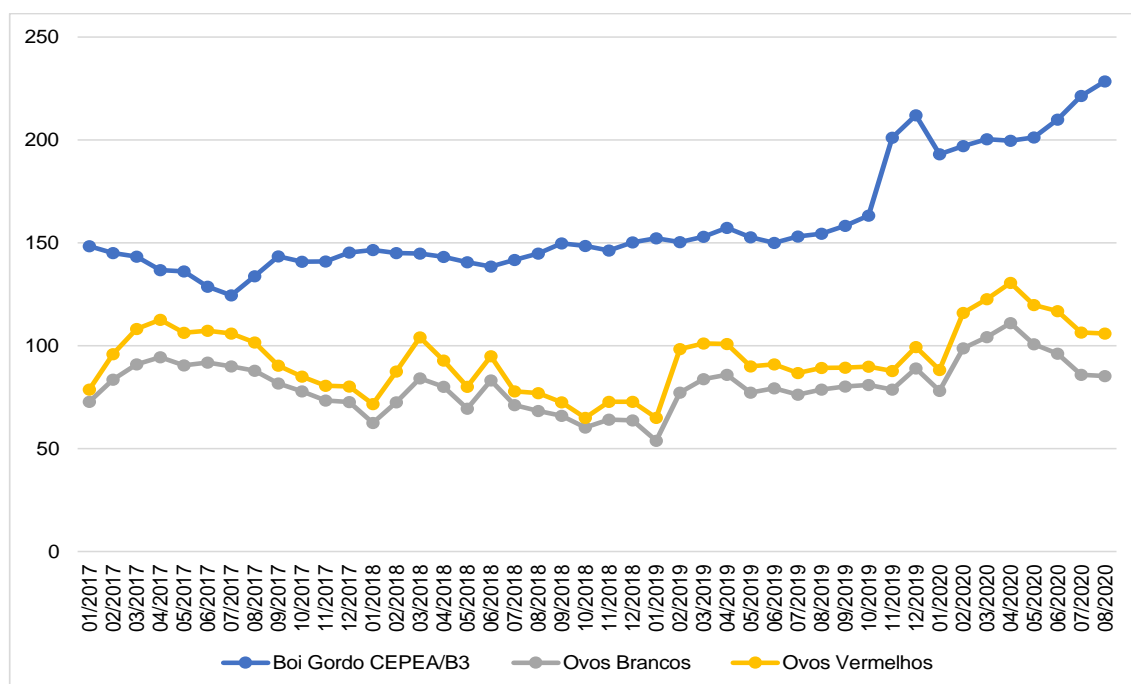
Quando analisado o comportamento dos preços dos principais produtos pecuários do Brasil, verifica-se um comportamento ascendente na maioria deles. No caso do Gráfico 9, são observados os preços da arroba do boi gordo e de ovos, brancos e vermelhos. Os preços da arroba do boi gordo vêm apresentando elevação ao longo dos meses, com evolução de 47,97% em 12 meses, chegando a R\$ 228,48/arroba. Em 2020, a variação acumulada chega a 7,79%,

intensificando nestes últimos meses, com variação de 14,03% desde o início da pandemia do novo Coronavírus no País (mar-ago/2020).

Comportamentos distintos são apresentados pelos preços dos ovos. Apesar de apresentar valores positivos no acumulado dos últimos 12 meses, com altas de 8,29% (R\$ 85,26) e 18,69% (R\$ 105,91), para os tipos branco e vermelho, respectivamente, seus comportamentos diferem em 2020. O ovo branco acumula declínio no preço de -4,14%, apresentando queda mais acentuada a partir do surgimento da pandemia (-18,14%, entre mar-ago/2020). Já o ovo vermelho apresentou alta no acumulado de 2020, de 6,66%, mas com queda a partir do surgimento da pandemia, de -13,64% entre março e agosto de 2020.

Novamente percebe-se comportamentos distintos nos preços dos produtos a depender do mercado consumidor, se interno ou externo. No caso dos produtos que têm parcela significativa das vendas no mercado externo, os preços se apresentaram em contínua ascensão, enquanto aqueles que apresentam o mercado interno como mais significativo, os preços se apresentaram declinantes, principalmente a partir do advento da pandemia.

Gráfico 9. Evolução dos Preços da Arroba do Boi Gordo e de Ovos Brancos e Vermelhos, Indicador CEPEA/ESALQ, de 2017 a 2020



Fonte: CEPEA/ESALQ, 2020.

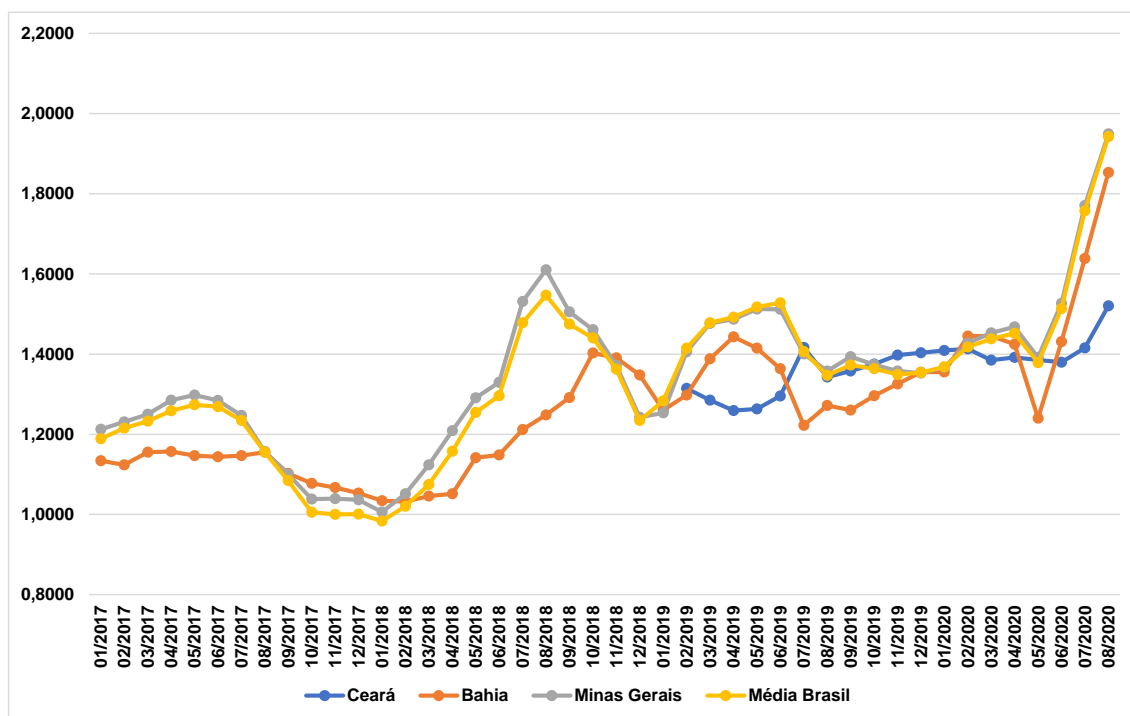
A média brasileira para o preço líquido do litro do leite tem apresentado comportamento bastante positivo em 2020, com alta de 35,13% até ago/2020 (R\$ 1,94/litro), apesar de apresentar uma leve queda em maio/2020, conforme Gráfico 10. Sendo o Estado de Minas Gerais um dos principais produtores de leite no país, a sua curva se assemelha com a média brasileira.

Nos casos dos estados do Ceará e da Bahia, observam-se algumas variações. O Ceará, que vinha apresentando preços ascendentes, considerando os últimos 12 meses (alta de 13,20%,

alcançando R\$ 1,52/litro), apresentou queda em 2020, de -1,67% até jul/2020, voltando a se recuperar nos meses seguintes. Entre mar-ago/2020, período da pandemia, o incremento foi de 9,76%, revertendo o comportamento declinante dos preços que vinha sendo observado para o Estado.

A Bahia, em contrapartida, apresentou comportamento ascendente nos últimos 12 meses (+45,72%, a R\$ 1,85/litro), seguindo positivo ao longo de 2020 (+36,75%). No entanto, com advento da pandemia, houve queda no preço de -0,98% entre mar-jul/2020, apresentando forte recuperação nestes últimos meses, de 28,23%.

Gráfico 10. Evolução dos Preços Líquidos Médios do Litro do Leite ao Produtor, Indicador CEPEA/ESALQ, de 2017 a 2020



Fonte: CEPEA/ESALQ, 2020.

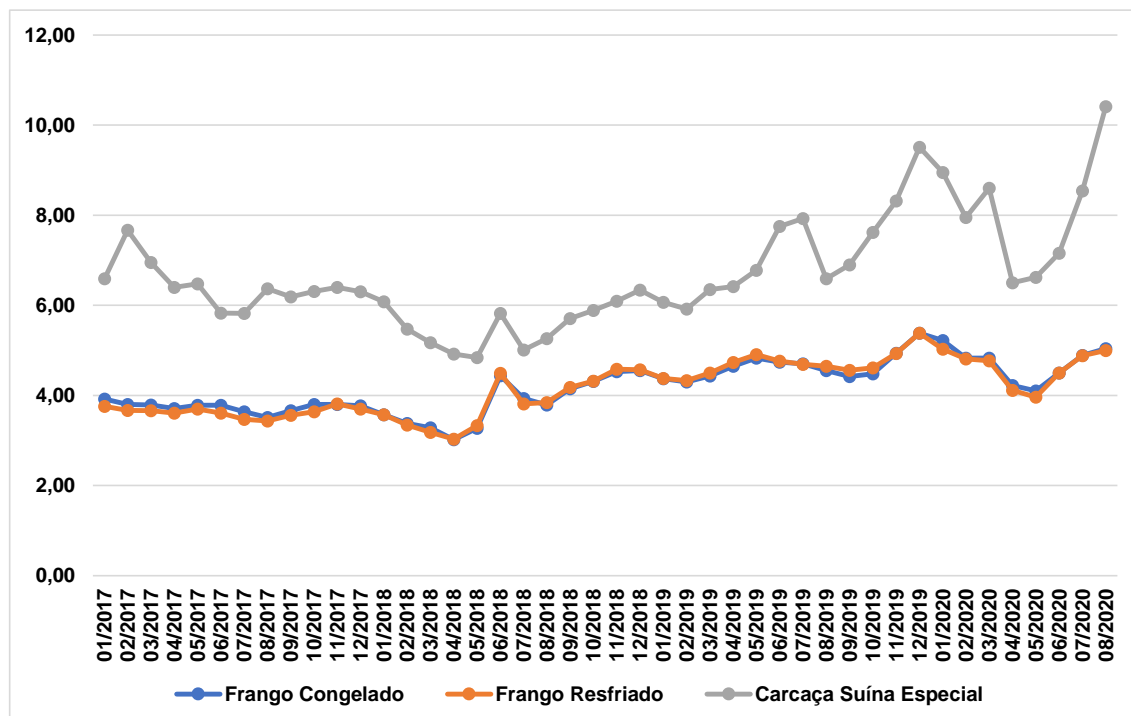
As carnes de frango e suínos são muito consumidas pela população brasileira e neste momento de pandemia sofreram os impactos do isolamento social. Pelos dados do Gráfico 11, os preços dos frangos congelado e resfriado, que vinham apresentando altas ao longo de 2019, acumularam perdas de -6,32% e -7,06% em 2020, respectivamente, alcançando valores de R\$ 5,04/kg e R\$ 5,00/kg. No entanto, percebe-se que, a partir de jun/2020, os preços iniciaram certa recuperação, acumulando altas de 22,93% e 26,26% entre abr-ago/2020, com retorno de algumas atividades econômicas.

Em relação à carne suína, o comportamento dos preços apresentou alta nos últimos 12 meses, de 57,97%. No entanto, em 2020, os preços apresentaram desvalorizações acentuadas até o mês de abril, de 31,65%, reflexo da praticamente total paralização das atividades econômicas, principalmente no ramo alimentício (bares e restaurantes). Com a forte valorização da carne bovina, os consumidores optaram por substituí-la por carnes mais baratas, a exemplo da suína, o que fez o preço desta última disparar. Em apenas cinco meses, os preços alcançaram



valorização de praticamente um ano inteiro (considerando os últimos 12 meses), com incremento de 57,25%, chegando a R\$ 10,41/kg.

Gráfico 11. Evolução dos Preços dos Frangos Congelado e Resfriado e da Carcaça Suína Especial, Indicador CEPEA/ESALQ - SP, de 2017 a 2020, R\$/Kg



Fonte: CEPEA/ESALQ, 2020.

### 3. Desafios e adaptações para as atividades agropecuárias regionais pós-pandemia

O setor agropecuário foi um dos menos impactado negativamente com o advento da pandemia do Coronavírus. A depender do destino dos produtos, se mercado interno ou externo, no caso do Brasil, alguns produtos apresentaram maiores retrações na produção e nos preços. As commodities agrícolas e alguns tipos de carnes que têm no mercado externo grande parcela de vendas apresentaram comportamento mais positivo. Já os produtos que têm no mercado interno sua maior parcela de vendas sofreram mais fortemente os impactos da pandemia. É o caso das flores e plantas ornamentais, que são comercializadas principalmente em supermercados, feiras e eventos.

Certamente todos os setores econômicos tiveram que se ajustar aos novos protocolos de funcionamento e reorganizar suas atividades, de modo a atender as exigências do isolamento social que a pandemia exige. Assim, tiveram que rever seus custos, o modo de armazenar, distribuir e comercializar a produção. Novas estratégias foram desenvolvidas para atender as necessidades vigentes e manter os consumidores em segurança.

Grandes são os desafios neste novo momento de funcionamento da economia. Para o setor agropecuário, alguns protocolos de segurança já são seguidos por se tratar, em alguns casos, de produtos alimentícios, o que de certo modo não redundará em grandes alterações. Para as

atividades que não tinham esse controle já em sua cadeia de produção, estas mudanças deverão ser maiores e impactar mais fortemente em seus custos.

Destacam-se, neste sentido, algumas alterações que deverão ser adotadas pelas empresas/produtores para se adequar às novas exigências sanitárias, como:

- reorganizar o modo de produção para que os produtores/trabalhadores sofram menos riscos de contato e contaminação, principalmente nos frigoríficos, câmaras frias, transporte de funcionários, etc.;
- remodelar os espaços de comercialização em locais que têm aglomeração de pessoas, a exemplo das tradicionais feiras livres, de forma que minimizem os contatos entre os clientes;
- redefinir custos de produção, agregando insumos necessários para as novas exigências de controle sanitário;
- estimular as empresas/produtores a fomentarem o *e-commerce* e sistemas de entregas em *delivery*, priorizando alimentos de fácil manuseio doméstico;
- criar novas estratégias de fornecimento dos produtos alimentícios: embalagens menores; maior tempo de prateleira; alimentos, orgânicos, funcionais e nutracêuticos;
- estimular o mercado consumidor a retornar às compras com segurança, possibilitando a circulação de mercadorias para a manutenção das atividades produtivas;
- fomentar parcerias com os órgãos públicos para manutenção do fornecimento de alimentos por parte dos pequenos produtores que foram afetados com o fechamento de escolas, bares e restaurantes;
- estimular a produção agropecuária orientada para melhores padrões técnicos, sanitários e fitossanitários, possibilitando a certificação, rastreabilidade e requisitos privados;
- desenvolvimento de infraestrutura e pesquisas que viabilizem maiores nível de produtividade, restrições do trânsito de pessoas e automação dos sistemas agroalimentares.

Além disso, algumas medidas devem ser incentivadas para a retomada da economia pós-pandemia, como: busca de incentivos governamentais para fomentar os setores mais atingidos pela crise; modernização dos processos burocráticos para estimular as exportações; investimentos para a melhoria da logística de distribuição interna e externa, dentre outros.

#### **4. Considerações finais**

Neste trabalho, propôs-se a analisar o comportamento das atividades agropecuárias no Brasil, e em especial no Nordeste brasileiro, em função do advento da pandemia do novo Coronavírus. Identificou-se que a severidade dos efeitos sobre estas atividades econômicas apresentam forte correlação com a destinação final dos respectivos produtos. Quando analisados os produtos que têm o mercado externo como principal destino, os efeitos deletérios da pandemia foram mínimos, em comparação com os produtos que têm no mercado interno sua principal destinação.

Neste sentido, aquelas atividades cujos produtos são comercializados em feiras livres, supermercados ou outros equipamentos de vendas sofreram maiores impactos com os efeitos do isolamento social. Neste rol encontram-se alguns grãos (feijão, milho, etc.), frutícolas

(principalmente a banana e o mamão), olerícolas (tomate, batata, etc.), tubérculos (mandioca, etc.), alguns produtos pecuários (carnes de frango e suíno, ovos, leite, etc.), os quais apresentaram reduções de preços mais aceleradas com o advento da pandemia. Com a retomada gradual da economia e reabertura de algumas atividades econômicas, estes produtos iniciam nova tendência de recuperação. Apenas aqueles que já vinham apresentando dificuldades anteriormente, apresentam maiores obstáculos para a recuperação, a exemplo da mandioca e do mamão.

O mercado da soja e seus derivados permanece aquecido em 2020, apresentando recordes históricos em seus preços. Estoques baixos, retração dos sojicultores em venderem grandes volumes no curto prazo, aumento da demanda doméstica por óleo e farelo de soja e aumento da demanda externa, em especial da China, são fatores que contribuem para este comportamento. Este cenário, inclusive, dificultou as empresas nacionais em adquirir matéria-prima para se abastecerem, necessitando importar soja dos países do Mercosul.

O milho, que vinha apresentando preços decrescentes após o advento da pandemia (mar-jun/2020), demonstrou certa recuperação nestes últimos meses em virtude da firme demanda externa, alta do dólar, elevação do frete e limitação da oferta por parte dos produtores no início da colheita da nova safra. Ajustes negativos de produtividade relacionados a esta nova safra também limitaram a oferta do produto nos principais estados produtores, pressionando para alta dos preços.

A produção e a comercialização de açúcar se apresentam firmes ao longo de 2020, com os preços superiores aos verificados no ano anterior. A possível redução da oferta do principal concorrente internacional do Brasil (Tailândia), o forte aumento das exportações para China, condições climáticas favoráveis e reabertura da economia nacional favorecem para a manutenção de indicadores positivos para este produto do agronegócio.

Comportamento semelhante é observado para o arroz, com preços firmes ao longo do primeiro semestre de 2020. O aumento na demanda interna e a baixa propensão dos produtores em ofertar o produto, buscando cotações mais elevadas de preços, contribuíram para esta alta. As indústrias beneficiadoras do arroz tiveram, inclusive, dificuldades de adquirir o produto em casa, o que fez reduzir a competitividade do produto nas regiões Sudeste e Nordeste.

No caso do algodão, o mercado não tem se mostrado tão favorável. A redução da demanda interna e externa, somada ao início da colheita de 2019/2020, manteve os preços de 2020 em níveis inferiores aos observados em 2019. No mês de julho, houve uma leve aquecida no mercado interno, com a reabertura de shoppings e lojas, o que pode indicar maior demanda pelo segmento da moda. No entanto, as incertezas ainda dominam os possíveis cenários do mercado do algodão.

O café tem apresentado comportamento oscilante de preços ao longo do primeiro semestre de 2020. Baixas em janeiro e fevereiro, recuperação de março a maio, nova baixa em junho, e com elevação no mês seguinte. As incertezas dos estágios da pandemia em diferentes países fornecedores de café, bem como se dará a oferta por eles, com a demanda em alta e a busca por cafés de melhor qualidade contribuem para esse comportamento oscilante, cujo cenário atual se apresenta em recuperação.

A alta no preço da carne bovina está relacionada às exportações brasileiras aquecidas, principalmente para China e à baixa oferta nacional. Esta última relacionada à elevação nos

custos de manutenção do rebanho, com aumentos dos insumos importados, em virtude da alta do dólar.

A retomada da economia, com aumento da demanda, e a elevação dos insumos de produção, principalmente os importados, favoreceram para a recuperação dos preços da carne e do frango vivo, bem como dos suínos, entre julho e agosto, apresentando recuperação ao comportamento apresentado pós-advento da pandemia do novo Coronavírus.

Pelos dados analisados, percebe-se que igualmente a outros setores econômicos, a pandemia do novo Coronavírus impactou no setor agropecuária, no entanto de diferentes magnitudes. Para as *commodities* e produtos voltados ao mercado externo e que apresentam cadeias mais estruturadas, os efeitos foram reduzidos ou até mínimos, diante do cenário de retração da economia. Em contrapartida, os produtos voltados em sua maior parcela para o mercado interno e com cadeias menos estruturadas foram os que apresentaram maiores perdas com o advento da pandemia.

### Referências bibliográficas

Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (CEPEA)/ Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (ESALQ). **Preços Agropecuários**. Disponível em: <<https://www.cepea.esalq.usp.br/br/consultas-ao-banco-de-dados-do-site.aspx>>. Acesso em: 31 ago. 2020.

Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (CEPEA)/ Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (ESALQ). **Agromensal**. Disponível em: <<https://www.cepea.esalq.usp.br/br/categoria/agromensal.aspx>>. Acesso em: 10 ago. 2020.

Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA). **Valor Bruto da Produção – VBP**: safra recorde de grãos e preços em alta puxam alta do Valor Bruto da Produção (VBP) Agropecuária em 2020. Disponível em: <<https://www.cnabrasil.org.br/>>. Acesso em: 05 ago. 2020.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Indicadores IBGE. Levantamento Sistemático da Produção Agrícola**: estatística da produção agrícola-julho 2020. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=72415>>. Acesso em: 12 ago. 2020.

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). **A Pandemia da COVID-19 e as perspectivas para o setor agrícola brasileiro no Comércio Internacional**. Disponível em: <<https://www.gov.br/agricultura/pt-br/campanhas/mapacontracoronavirus/documentos/a-pandemia-da-covid-19-e-as-perspectivas-para-o-setor-agricola-brasileiro-no-comercio-internacional/view>>. Acesso em: 05 ago. 2020.

## ESCRITÓRIO TÉCNICO DE ESTUDOS ECONÔMICOS DO NORDESTE - ETENE

Luiz Alberto Esteves  
Economista-Chefe  
Tibério Rômulo Romão Bernardo  
Gerente de Ambiente

### Célula de Estudos e Pesquisas Macroeconômicas

Airton Saboya Valente Junior  
Gerente Executivo

#### Equipe Técnica

Antônio Ricardo de Norões Vidal  
Hellen Cristina Rodrigues Saraiva Leão  
Laura Lúcia Ramos Freire  
Liliane Cordeiro Barroso  
Wendell Márcio Araújo Carneiro

Revisão Vernacular  
Hermano José Pinho

Estagiário de nível superior  
João Marcos Rodrigues da Silva

Jovem Aprendiz  
Rafael Henrique Silva Santos

**Aviso Legal:** O BNB/ETENE não se responsabiliza por quaisquer atos/decisões tomadas com base nas informações disponibilizadas por suas publicações e projeções. Desse modo, todas as consequências ou responsabilidades pelo uso de quaisquer dados ou análises desta publicação são assumidas exclusivamente pelo usuário, eximindo o BNB de todas as ações decorrentes do uso deste material.

O acesso a essas informações implica a total aceitação deste termo de responsabilidade. Os conceitos e opiniões emitidos nesse documento não refletem necessariamente o ponto de vista do BNB. É permitida a reprodução das matérias desde que seja citada a fonte.



Banco do  
Nordeste



PÁTRIA AMADA  
BRASIL  
GOVERNO FEDERAL